



PODCAST MATERNIDADES AMEAÇADAS
SÉRIE “TRANSFORMANDO CASOS EM CAUSAS”
EPISÓDIO # 3 - AS CONSTRUÇÕES DO CUIDADO

ROTEIRO: Rosa Carneiro e Irene do Planalto Chemin
EDIÇÃO DE ROTEIRO: Irene Do Planalto Chemin E Mariana Pitasse
REVISÃO DA TRANSCRIÇÃO: Samara Costa e Nayra de Oliveira

Legendas:

Trilha e efeitos sonoros

Trechos retirados de vídeo

Blocos

Apresentação

Irene: Esse episódio contém relatos de experiências pessoais que podem ser sensíveis para alguns ouvintes. Se você precisar de apoio, contacte o Centro de Valorização à Vida pelo telefone 188 ou pelo site cvv.org.br.

[Vinheta de abertura: a música traz um clima sério e tenso. Som sintético de guitarra na melodia, com um eco profundo, acompanhada de kalimba que faz a batida constante e leve]

Alessandra: Eu sempre faço com que as pessoas entendam que é importante você ter uma vida sim, mas que você também possa viver de uma maneira que você não precisa ser oprimida. Acabar com esse olhar da sociedade que para ser feliz ou para ser bem vista tem que estar com alguém.

Rosa: Essa que você ouviu é Alessandra de Oliveira Alves. Ela é uma liderança comunitária de São Sebastião.

Irene: A partir da história de Alessandra, vamos falar sobre o protagonismo de movimento de mulheres organizados na periferia de Brasília, no Distrito Federal, durante a pandemia de COVID-19.



Rosa: Eu sou Rosa Carneiro, pesquisadora e professora da Universidade de Brasília. Sejam bem-vindas ao podcast Maternidades Ameaçadas, produzido pela rede transnacional de pesquisa sobre maternidades destituídas, violadas e violentadas. A REMA.

Irene: E eu sou Irene do Planalto, estudante de mestrado em divulgação científica e cultural no LABJOR da Unicamp e antropóloga formada pela UNB.

Rosa: Esse é o terceiro episódio da série Transformando Casos em Causas. Nessa série, nós estamos contando histórias de violência sofridas por mulheres e famílias que têm em comum as maternidades ameaçadas.

Irene: Nesse episódio queremos conversar sobre como foi a atuação dos coletivos de mulheres durante a pandemia. Como foi auxiliar e atuar em prol da sobrevivência de mães periféricas quando suas crianças estiveram sem escola?

Rosa: De que maneira mulheres organizadas tornaram suas vidas possíveis em um contexto tão adverso?

Irene: Para nos contar essas histórias, vamos conversar com Alessandra sobre as suas várias frentes de atuação. Ela ajudou a fundar a creche na Vila do Boa, onde ela mora. Já trabalhou em associações civis em prol dos benefícios da população local.

Rosa: Contribuiu para a chegada da primeira escola da região e é acionada por toda a comunidade sempre que aparece algum problema, principalmente entre as mulheres, problemas de violência doméstica, violência sexual contra as crianças, falta de comida e moradia.

Irene: A Alessandra já promoveu atividades de capacitação das mulheres, pensando em gerar renda e mais emprego. Ela tem boas relações e articula-se a partir das necessidades da população.

Rosa: Vamos conversar sobre ativismo local, maternidades, gênero e pandemia.



[Música: “Mulher no mundo”, de Maria Tavares. Violão suave e voz contralto canta:

As marcas das repressões

Ser um corpo profundo

Os papéis, as inversões

Que carrega em si a dor

O distanciamento do sensível

E mesmo assim acolhe o mundo

O silenciamento não dizível...

Aaaahh...

Ah, ser mulher nesse mundo

Pela liberdade de toda mulher]

Bloco 1: ativismo local de mulheres

Rosa: No dia da gravação com Alessandra, nos encontramos na escola da Vila do Boa e nos sentamos na biblioteca. Essa escola é um lugar, inclusive, que Alessandra ajudou a construir.

Irene: A entrevista aconteceu em um dia de semana pela manhã, enquanto as crianças estavam na escola. Por isso, talvez vocês vão ouvir ao fundo da gravação sons de crianças brincando.

Rosa: Eu comecei pedindo para Alessandra se apresentar e contar um pouco da história da sua família.

Alessandra: Bom dia, meu nome é Alessandra, sou líder comunitária aqui em São Sebastião. Tenho 34 anos. Sou moradora aqui de São Sebastião desde que nasci, né? Meus pais são daqui também, minha avó, muito tempo atrás, minha família toda daqui. Aí eu tenho três irmãos, tenho quatro filhos. Trabalho na área civil, né? Faço construção de casas, reformas, montei uma creche comunitária, trabalho também com cursos, né? Ensinar cursos de conhecimentos gerais em relação à área da construção civil para mulheres. Tenho quatro filhos, como eu falei. Tenho a Yasmin de 12 anos, o Heitor de 10, o Robert de 8 e o Álvaro de 6.

Rosa: Você cuida das crianças, você sozinha?

Alessandra: Sim. Mais a minha mãe, meu pai separou da minha mãe e eu cuido da minha mãe e das crianças. Assumi esse papel, né?

Irene: A Alessandra mora na Vila do Boa, zona rural de São Sebastião, uma cidade na periferia do Distrito Federal.



Rosa: A região administrativa ou cidade satélite, tem suas origens nas desapropriações das fazendas Papuda, Taboquinha e Cachoeirinha. Nessas fazendas, existiam várias olarias, que tinham como objetivo suprir certas demandas de materiais por parte da construção civil.

Irene: Depois, essas fazendas foram arrendadas por intermédio da Fundação Zoobotânica do DF. Mas quando os contratos expiraram, essas terras que ficam ali entre os córregos da Mata Grande e o Ribeirão Santo Antônio da Papuda, ficaram sem regularização e foram vendidas a preços baixos, o que deu origem ao núcleo urbano São Sebastião.

Rosa: Em 1993, é então entregue um plano de ocupação e a cidade passa a ser uma região administrativa, como são chamadas as cidades do Distrito Federal. Atualmente na cidade existem mais de 20 bairros e a estimativa de que sejam 119.293 habitantes.

Alessandra: São Sebastião, ele... Tudo é muito perto, né? Você pode dar uma olhada. A gente não. Vila do Boa em si, ela é um pouco distante. tanto em relação à educação, à escola, né? A gente tem essa dificuldade. É uma comunidade muito aceitável, mas assim, em termos de trabalho é muito complicado, porque o patrão não vai pagar para um empregado duas passagens a mais. Porque pra gente ir pra rodoviária, se não for no horário certo que o ônibus passa, a gente tem que pegar a São Sebastião. Paranoá não existe. Não existe Lago Sul na nossa comunidade. É o único bairro que não passa o ônibus do Lago Sul do Paranoá. Então é um bairro que só passa a circular rodoviária. Então a gente tem que se deslocar daqui da Vila Boa, da localidade, pra ir pra São Sebastião.

Irene: Além do transporte, outras infraestruturas básicas demoraram para chegar na Vila do Boa.

Alessandra: Então quando eu vim para cá, eu vim muito pequeno, então aqui não existia casas, era raro ter casas. Eu vim para cá, eu ia fazer um ano. Então, quando eu me instalei realmente na casa hoje que onde eu estou, tem, tem em torno de uns 33 anos. Então, aqui a gente não tinha escola, não tinha a creche, não tinha nada. Era poucas casas e muito eucalipto.

Então, assim, era muito difícil acesso a tudo.

Rosa: Eu perguntei para Alessandra, como era a escola na época em que ela era criança.

Rosa: Alessandra, você estudou aqui na Vila do Boa?



Alessandra: Sim.

Rosa: Que escola?

Alessandra: Na verdade, porque assim, quando a escola veio eu já estava já no quarto ano. Estudei quarto e quinto aqui. Fiz até o terceiro.

Rosa: É, mas você e seus irmãos todos estudaram?

Alessandra: Todos estudamos. Minha mãe assim, na verdade ela por ela não ter estudo e ver que a gente morava numa comunidade muito carente, então ela sempre incentivou.

Meu pai ele sempre foi analfabeto, né? Então a gente teve essa dificuldade quando a gente era pequeno, tanto tanto meu pai quanto a minha mãe, eles não estudaram. Aí quando eu completei 16 anos, aí eu comecei a incentivar ele outras pessoas. Aí que começou minha atuação, outras pessoas para trazer o EJA para a escola.

Rosa: Para essa escola?

Alessandra: Para essa escola. Quando a gente trouxe o EJA, meu pai foi alfabetizado, minha mãe também. O meu pai sempre trabalhou como gari. Então eu tive esse incentivo da leitura.

Irene: Os pais da Alessandra incentivaram muito os seus estudos.
Por isso, inclusive, é perceptível o seu carinho e envolvimento com a escola da Vila do Boa.

Rosa: Hoje em dia, Alessandra trabalha com construção civil.

Alessandra: Eu faço o rejunte, eu coloco cerâmica, coloco janela, porta, eu sento tijolo, faço reboco.

Rosa: Mas aí você trabalha autônomo ou você trabalha numa equipe?

Alessandra: Trabalho autônomo, mas a gente incentiva outras mulheres. Toda vez que a gente pega uma obra, porque eu pego obras também. Como se fosse um mestre de obra. Quando eu pego uma obra, eu levo sempre outras pessoas, mais mulheres que estão iniciando, né?



Rosa: Alessandra faz um trabalho incrível, mas foi por causa da falta de apoio, de auxílio que ela precisou se reinventar.

[Trilha sonora: a música traz um clima sério e tenso. Som sintético de piano na melodia, com poucos toques que se reverberam em um eco profundo, acompanhado de kalimba que faz a batida constante e leve]

Alessandra: Eu trabalhava no jornal Alô Brasília, eu era chefe de encarte. De lá, eu saí de lá e me vi traída pelo pai da minha filha, porque eu casei com ele e eu tinha... minha filha ia fazer um ano. E eu me vi uma mulher negra, periférica, solteira, com um filho para criar. Então, eu me vi no papel de não voltar para a casa dos meus pais e tentar dar uma vida melhor. Então, naquele momento, tinha uma vaga lá, “vamos pintar um mangueiral”. Falei assim, “não sei muito não, mas eu aprendo”. E começou a minha saga desde 2011. Trabalhei em várias construções aqui em São Sebastião e aí gostei da profissão na área, né? E aí, comecei a minha história.

Rosa: A história de Alessandra nos remete a algo muito frequente na vida de mulheres periféricas. O trabalho surge de oportunidades e daquilo que se apresenta em suas vidas e não necessariamente de uma capacitação prévia.

Rosa: Alessandra, e como é que no meio dessa sua história toda começa a surgir a Alessandra ativista? Como é que isso aconteceu? Em que momento da sua vida, você se viu lutando pela comunidade, tentando fazer coisas pelas pessoas?

Alessandra: Começou na creche, na verdade, né? Porque eu trabalhava num jornal e quando eu saí do jornal para ir para a área civil, eu descobri a dificuldade de você ter um filho, que eu só tinha apenas a Yasmin, de ter um filho e se ver abandonada, desamparada pelo governo, né? Pelo Estado em si. E eu recebia o Bolsa Família, mas eu via que era muito pouco a renda para uma estrutura de vida que eu tinha com os meus filhos. Então eu me vi muito... é... apegada a essas mães negras, periféricas, sofridas, que pedem os filhos para drogas, que pedem os filhos para prostituição, sabe? Então eu me vi assim, será que é isso que eu quero? Eu quero mudar, quero realmente que os meus filhos tenham capacidade de uma oportunidade. E aí, montamos a creche comunitária chamada “Santa Rita” que é daqui da comunidade que acolhe crianças carentes.

[Efeito sonoro: som de televisão antiga ligando]

[Trecho retirado de reportagem da S2News, 2015]

Jornalista: Estamos no bairro Vila do Boa, aqui na cidade de São Sebastião, onde viemos acompanhar a inauguração da creche comunitária Santa Rita. O sonho de uma comunidade hoje se torna realidade. Há mais ou menos um ano atrás, os moradores do bairro Vila do Boa, aqui em São Sebastião e a comunidade dos Vicentinos, se uniram em um único propósito propósito, construir a creche comunitária Santa Rita de Cássia, que irá atender crianças com idade de 2 a 3 anos e 11 meses em tempo integral.

Alessandra: A nossa intenção, minha, da Cida e da Rose, era montar uma casa de acolhimento para as crianças permanecerem lá de doação enquanto a mãe pudesse trabalhar. Pela distância, por todo o processo da nossa comunidade. E após essa ideia, surgiu a creche, deu certo, o Ministério Público nos abraçou, e aí, começamos vários trabalhos.

Irene: Depois de fundar a creche, a Alessandra começou a se engajar em mais movimentos e coletivos ali de São Sebastião.

Alessandra: Passei quatro anos na creche, depois eu entreguei para os vicentinos e comecei no Instituto Langerton. E no Instituto Langerton a gente trabalha com pessoas com câncer, depressão, pessoas com tentativas de suicídio, crianças deficientes, né? No Langerton a minha parte era realmente social de interação de atendimento e ir lá na família, visitar, saber a necessidade de cada família. Porque assim, quando você assiste uma família, você não assiste só uma família. Você assiste todo o sentimento dessas famílias. Você assiste sobre a educação, sobre a saúde, sobre acolhimento. Você assiste a mãe que está desempregada, a mãe que está com depressão, né? E aí, eu vi que existe um leque, que existem pessoas que querem ajudar. Então a gente começou a montar uma rede, uma rede de apoio. Conheci vários grupos, né? Conheci o pessoal do Corações em Ação, que na pandemia foi um pessoal assim que transformou realmente, porque não é só você da alimentação também, né? Que tudo é um processo. Juntos pelo bem, que eles trabalham com cursos profissionalizantes para as mulheres, que trazem essa proporção da mulher ter alimentação, a cesta básica, mas ter um curso de cabeleleiro, um curso de brigadeiro, um curso de estoquista, um curso de fazer sobancelha, né? Então, a gente montou o grupo de fortalecimento.

Rosa: Muito envolvida com a comunidade, perguntei se Alessandra já teve alguma relação com a política, algo como candidaturas, conexão com partidos ou outros políticos locais.



Alessandra: Não, na verdade eu nunca fui muito ligado, mas eu tive eu peguei um amor muito grande por pessoas que também trabalhavam a mesma ideia de linhagem de trabalho, que é a Ruth Venceremos, que é uma pessoa fantástica, assim, hoje hoje ela atua na parte do pessoal do LGBT, na parte das pessoas com depressão, com câncer. Então assim, ela é muito atuante dentro, hoje, da comunidade, né? Hoje ela tem um trabalho social muito expansivo. E bem antes dela ser também candidata também, ela sempre teve esse trabalho, né? Ela hoje coordena o Distrito Drag, porque cada um tem um papel aqui dentro da comunidade. Somos um grupo muito grande, bem organizado, mas é cada um tem, por exemplo, a Ruth ela trabalha na área do LGBT, da violência doméstica, da violência sexual.

[Trecho retirado de vídeo postado nas redes sociais]

Ruth Venceremos: E que de fato São Sebastião seja essa cidade de todas as pessoas com emprego, trabalho, com hospital, com renda para todo o povo. Nós temos que seguir juntos porque juntos somos mais fortes, juntos somos coletivas e venceremos.

Alessandra: Nós somos Temos um grupo chamado SOS, que é o Louro, o Cristiano, a Jacilene, eu. Então somos um grupo que é até a Silvana também, que é muito importante falar sobre Silvana. É um grupo da comunidade, feito para comunidade, é onde quase todos os moradores estão nesse grupo. E aí, esse grupo ele trabalha para luz, quando, a gente está com problema de energia, para botar um asfalto, para colocar os paralelepípedos que tem aqui na rua, para fazer a Avenida do Sol, até ano retrasado não tínhamos asfalto uma parte da Vila do Boa, que é a parte que dá acesso ao condomínio. E aí, a gente lutou juntamente com todo mundo.

Rosa: Aos condomínios. Porque tem, eu imagino que muitas mulheres daqui trabalham para lá.

Alessandra: Hoje o ônibus sim, mas não corria, ele fazia uma volta imensa.

Rosa: Foi mobilização de vocês?

Alessandra: Foi mobilização da gente, da comunidade.



Rosa: Mas me dá um exemplo, por exemplo, para conseguir fazer o ônibus sair daqui e cruzar, como é que vocês fizeram essa mobilização? Vocês foram no GDF? O que vocês fizeram?

Alessandra: GDF a gente recorre aos parlamentares, né? Ao Estado, ao GDF, à Procuradoria Geral, ao Ministério Público, é todo um processo, né? A gente começa a mobilizar audiências públicas na comunidade, porque a comunidade é bem atuante.

A gente constantemente tem audiências públicas, atendimento, tem essas autoridades, elas, elas procuram a comunidade para..

Rosa: As autoridades procuram e depois quando vocês precisam, vocês também vão lá procurar?

Alessandra: Sim.

Rosa: As audiências públicas acontecem na câmara ou aqui?

Alessandra: Aqui.

Rosa: Vocês que organizam?

Alessandra: Sim.

Rosa: Legal.

Alessandra: Dentro da escola.

Rosa: Aqui dentro da escola. Pelo que eu entendi, a escola tem um papel fundamental como espaço de organização, né?

Alessandra: Tem.

Rosa: Da população?

Alessandra: Sim.



Irene: Dá para perceber como a escola da Vila do Boa vai muito além da transmissão de conhecimento. A escola é um espaço de referência para comunidade e que atende em todos os campos da vida social.

Rosa: É, e como é que você faz para conjugar a Alessandra ativista que ajuda as pessoas que faz esse mapeamento com a Alessandra que tem que trabalhar e colocar comida dentro de casa?

Alessandra: Com o tempo a gente vai aprendendo muito com as pessoas. Você tem que fazer o social, mas também não pode fazer o social com fome. Por exemplo, a parte social, tem muitas mulheres que trabalham como voluntárias, mas elas recebem a cesta, recebem a verdura, recebem alimentação. Elas têm que alimentar os filhos delas, né? Então assim, elas têm esse... tem esse modo organizativo de se alimentar, poder trabalhar e poder fazer o social. E eu me vi assim, quatro filhos pequenos, uma mãe desamparada, né? Porque meus irmãos eles não têm... cada um tem suas vidas, suas famílias, então eles não têm muito esse sentimento, né? Que a mulher tem, a mãe tem, que eles são homens, só tem irmão homens. Então a gente, eu me desloquei muito pra cuidar da minha mãe. Então assim, tem que sim trabalhar, porque minha mãe é sim, somos uma parceria, ela fica com os meus filhos e eu vou para a rua no meu social, eu faço social, mas também consigo trabalhar também.

[Música: “Mulher no mundo”, de Maria Tavares. Violão suave e voz contralto canta:

Ahh êê, oh...

Ser um corpo profundo

Ahh êê, oh...

Que mesmo assim acolhe o mundo

Ser mulher nesse mundo

Ahh êê, oh...]

Bloco 2: PANDEMIA

Irene: Em 2020 vivemos uma crise sanitária como nunca antes vista. Diante da necessidade de distanciamento social, a vida comunitária foi fortemente impactada.

Rosa: O Brasil foi o país que mais permaneceu com as escolas fechadas no mundo. As crianças sem escola, certamente afetaram o cotidiano das mães que precisavam trabalhar fora de casa.



[Trecho retirado de reportagem do jornal “Bom dia DF”, 2020]

Apresentador: Vamos para São Sebastião na UPA de lá saber com Geraldo Becker como é que tá a ocupação dos leitos também desta UPA por aí. Geraldo.

Jornalista: Tô aqui em frente à UPA de São Sebastião. São Sebastião que tem 2.413 casos de pessoas infectadas por coronavírus. 18 pessoas morreram. É a segunda cidade da região Leste com mais casos de coronavírus. As informações no site da Secretaria de Saúde em relação a leitos, aqui são 10 leitos para pacientes com COVID-19. Então são 7 leitos para COVID, 7 ocupados e 3 apenas disponíveis.

Rosa: Perguntei para Alessandra, como foi a vida da comunidade na pandemia?

Rosa: Tiveram muitos óbitos? O índice de contágio foi muito alto?

Alessandra: Aqui na Vila do Boa foi muito alto. Porque as pessoas não respeitavam, né? Esse contato, tinha que trabalhar, tinha patrão que não aceitava, mas também tinha gente também que ia para festa, boteco... Na verdade, a pandemia foi um sofrimento muito grande, né? A gente teve casos aqui de pessoas que a gente achou que, “ah, é dengue, não, é covid”. A minha situação na pandemia foi o seguinte, a gente, a gente se viu com quase 2.000 mães de família. Porque assim...

[Trilha sonora: piano que reverbera, com melodia lenta e que traz pesar e tristeza]

Rosa: De 6.000 pessoas aqui, 2.000 são mulheres...

Alessandra: De homens e mulheres.

Rosa: Mulheres mãe solo?

Alessandra: Mulheres mãe solo. Tu acredita nisso?

Rosa: Que trabalha...

Alessandra: Raramente uma casada ou quando é casada, é mal casada, que não vai adiantar de nada que o marido tá no boteco. Então assim, a gente viu, a gente se apegou a isso, viu essas mães sofrendo ao ponto de, de... Aí tivemos um problema muito grande. É o crescimento de índice de suicídio.



Rosa: Entre as mães?

Alessandra: Entre as mães e tentativas. Foi quando foi acionado a Márcia, psicóloga. Ela veio acolher a comunidade gratuitamente, faz rodas de conversa. Ela faz rodas de conversa e montou um grupo chamado Grupo Abraço, que atende hoje centenas de mulheres. E assim, aí eu vi muita mãe com fome, o posto de saúde começou em desespero porque as crianças começaram a baixar o peso. E aí, a gente começou a montar uma... um norte de trabalho de tentar levar alimentação para essas famílias, né? Primeiro momento foi em casa. A gente fez umas, é, umas campanhas e recebemos leite, recebemos, é, biscoito e começamos a levar dentro nessas casas, dentro de saco, amarrado e tudo, tudo bonitinho. E aí, entregava álcool e gel também para essas famílias que muitas não tinham máscaras.

Rosa: Teve costureira aqui?

Alessandra: Teve muito. Agradeço muito dona Goretti que foi uma luta com dona Goretti. Dona Goretti era dia e noite costurado. Porque assim, a gente teve a parceria do pessoal do Jardim Botânico, né? Do movimento comunitário. Então, no movimento comunitário, tivemos a oportunidade de começar a construir um espaço lá onde o Jardim Botânico e aqui para essa construção de máscara, construção de um trabalho consolidado para combater a pandemia. Aí chegou a entregar em torno de umas 12.000 máscaras. E aí, então com a escola fechada, na verdade a escola não fechou.

Rosa: Não fechou?

Alessandra: Não, não tivemos como fechar a escola, porque a escola que recebia as doações, a escola que repassava essas doações dos grupos

Rosa: Então, aula não teve?

Alessandra: Não teve, teve aula remota. E aí tivemos uma campanha bem bacana que foi a entrega de tablets para essas crianças poder estudar.

Rosa: Nossa, onde vocês conseguiram os tablets?

Alessandra: Do Ministério Público. Eles doavam um tablet, o pessoal também dos outros grupos doavam tablets também. O Comida Do Bem doou tablets, celulares, computadores...



Irene: Sabemos que durante a pandemia, em comunidades periféricas, o trabalho comunitário em prol da vida foi fundamental, posto que muitas vezes foi o único presente.

Rosa: Mas também tiveram casos tristes, casos de mães que morreram de covid e que as crianças ficaram órfãs.

[Trilha sonora: piano que reverbera, com melodia lenta e que traz pesar e tristeza]

Alessandra: Tínhamos três casos assim que nos deixou muito comovidos. Uma de um bebê recém-nascido, que eu acho que foi o... porque pegou no hospital. Você entende? Você vai lá pra ganhar seu filho e pega covid e a criança volta sozinha pra casa. Foi de uma mãe com três meninos e a outra tinha quatro.

Rosa: E aí quem que cuida dessas crianças?

Alessandra: São os pais, porque eles têm pais, tem vó. Recentemente, meus, tivemos um caso de uma moça que morreu de covid. Tinha filhos também. Dois adolescentes, um de 12 e 14.

[Efeito sonoro: Televisão antiga ligando]

[Trecho retirado de reportagem do jornal “Repórter DF”, 2021]

Apresentador: Agora mais uma notícia bem triste, viu, gente. Em todo o Distrito Federal, 199 crianças até 6 anos de idade ficaram órfãos de um dos pais, pelo menos, por conta da COVID-19. Isso entre 16 de março do ano passado e 24 de setembro deste ano. Quem traz os detalhes para a gente é o nosso amigo repórter Glauco de Queiroz, tem todos os detalhes. Glauco.

Jornalista: Pois é, Juliano, boa tarde para você e boa tarde a todos. Um detalhe, Juliano, é que desse total, três os pais aqui do Distrito Federal faleceram antes do nascimento dos filhos. E especificamente aqui no DF, a Secretaria de Desenvolvimento Social afirma que não existe um programa para atendimento desses órfãos. As crianças em situação de vulnerabilidade, elas são encaminhadas pela Vara da Infância para o serviço de proteção social que é formada pelos 29 centros de referência de assistência social. Os CRAS.

Angela: Mas em meio à crise também teve resistência, cuidado coletivo e até algumas conquistas para a comunidade.



Alessandra: Fazíamos kits de higiene, fazíamos... a gente fez uma campanha muito grande na época, álcool e gel e máscara. Então a escola abria, tinha dias que a escola abria só para fazer essa doação, em massa, mas a gente ficava de olho se a criança tava na aula remota, se a criança tinha internet, a gente conseguia colocar internet, tem um Wi-Fi gratuito aqui na comunidade. Lá na quadra. Que ele pega uma proporção bem grande.

[Música: "Mulher no mundo", de Maria Tavares. Violão suave e voz contralto canta:

Ah, ser mulher nesse mundo

E mesmo assim acolhe o mundo

Ser um corpo profundo

Aaaahh...

Que carrega em si a dor

Pela liberdade de toda mulher]

Bloco 3 - Maternidades

Irene: As mulheres negras são as que mais padecem de solidão, são as que mais chefiam famílias e casas no Brasil e são também as que mais sofrem de violência doméstica quando estão em uma relação afetiva.

Rosa: São situações que podem até parecer casos isolados, mas na verdade são causas coletivas. Questões que precisamos enfrentar enquanto sociedade. Por isso, a ideia nesse podcast é transformar esses casos específicos em causas sociais.

Irene: A gente perguntou para Alessandra se ela poderia nos contar alguma história que virou uma causa de luta, uma história de alguém ou dela mesma.

Alessandra: É assim, existe várias, né? Gostaria de estar citando. E uma coisa assim que me toca muito dentro da minha comunidade, não só da Vila do Bom, mas como o São Sebastião em geral, é a violência doméstica. Então, tem um caso de uma moça que foi atropelada pelo marido. Ele passou com o carro em cima dela, só que tinha uma pedra e era barro, porque assim, hoje nós temos asfalto, mas antigamente o asfalto... não era asfalto, era aquela terra fofa que batia na canela, que você pisava a fundo o pé. Então, assim, e hoje ela sobreviveu, ela foi uma vítima dessa violência e isso me tocou muito dentro de mim.

Rosa: A história pessoal de Alessandra também a fez questionar muito o casamento, como esse espaço de violência.



Irene: Ela tem uma visão bastante crítica da ideia de casamento ofertada para as mulheres.

Alessandra: Eu tive dois casamentos, só que assim, eu casei e o pai do meu menino tá com fogo em casa, então assim.

Rosa: E o que aconteceu que ele colocou fogo na sua casa?

Alessandra: Eu terminei com ele, porque ele me traiu, eu terminei com ele, não aceitou a traição, aí traí ele também, que infelizmente é assim um ser humano, né? Não sou nenhuma santa também. E aí, ele não aguentou a traição que eu tive com ele, foi lá e tacou fogo, achou que eu tava dentro de casa, eu estava no trabalho. Isso, eu grávida do meu filho de sete meses, do Heitor, o segundo.

Rosa: O segundo filho?

Alessandra: Sim.

Rosa: Aí você se separou?

Alessandra: Ah, eu me separei. Eu falei: "Agora não dá para mim não".

Rosa: Aí você voltou para casa dos seus pais, Alessandra?

Alessandra: Na verdade, eu sempre tive um local para mim. Sempre tive minha casa, minhas minhas condições. Na separação do meu pai foi muito complicado, porque minha mãe morava já mais... mais de 30 anos com meu pai e ele traiu minha mãe para morar com outra mulher, com a amante. E isso doeu muito na minha mãe, foi muito complicado. Então eu tive que vender minha casa para pagar uns custear uns... Eu tinha uma casa, eu vendi minha casa para custear todo o processo dela da separação, porque meu pai fez um gato de água e de luz, que eu não gosto de mentira e a mulher do meu pai denunciou. Então assim, minha mãe recebeu uma multa de R\$ 15.000. Obesa, hipertensa, coronária e nessa situação. Então eu vendi minha casa para pagar, custear as despesas, tudo que ela estava passando naquele momento. E fui morar com ela, porque eu já, já tava... já tinha meus três filhos, que já tinha um Robert e eu estava grávida do Álvaro.



Irene: A solidão da mulher negra fica muito evidente aqui, porque a sociedade não apoia e nem cuida dessas mulheres. Pelo contrário, situações de julgamento e de violência são muito comuns.

Alessandra: E aí, é... a família do pai do Álvaro com quem eu estava na época, fez muito inferno, falou que eu estava dando um golpe nele, que eu estava vendendo a minha casa para morar na casa dele, que eu estava vendendo a minha casa que eu queria tomar dele. Então assim, ele, ele ficou muito... ou você cuida da sua mãe ou você assume um relacionamento. Eu preferi largar essa vida de casada para realmente... Eu acho que essa situação de você é porque assim, hoje em dia a sociedade, ela cobra muito um casamento. Cobra para você ser uma mulher de respeito, vocês tem que estar com alguém, mas nem sempre, porque assim, eu tenho filhos pequenos, né? Então eu penso muito antes de colocar alguém dentro de casa. É uma situação assim que você aflora dentro do seu conhecimento, achar que realmente é importante íntimo ter alguém, mas também é importante você também saber sobre a segurança, é... familiar. Eu acho que no meio que eu vivo hoje, eu acho que não, não que não existe ninguém que eu possa me relacionar, eu relaciono com pessoas, eu tenho relacionamentos, mas não há o ponto de botar dentro de casa. Eu escolhi ser mãe, né? Então assim, eu tenho que cuidar dessa minha parte de mãe.

Rosa: Para Alessandra, a sua segurança, dos seus filhos e da sua mãe, vem em primeiro lugar. Ela sabe a importância do empoderamento feminino e no trabalho social que ela faz. Ela leva isso para outras mulheres também.

Alessandra: Eu me ver com uma mulher negra, traída, com a criança pequena e achar que eu poderia mudar isso, essa relação das mulheres achar que tem que ter alguém, sabe? Você para ser feliz, você tem que se gostar, se amar, se valorizar primeiramente. Não é uma questão de não ter alguém. Mas é o cuidado, vivemos numa sociedade que infelizmente é muita coisa envolvida. Eu acho bacana as pessoas que são casadas e tudo, eu acho lindo. E mas também eu acho também que a mulher que ela é solteira, ela também tem que ser feliz, ela tem que dar a oportunidade. Eu sempre faço com que as pessoas entendam que é importante você ter uma vida sim, mas que você também possa viver de uma maneira que você não precisa ser oprimida para acabar com esse olhar da sociedade que para ser feliz ou para ser bem vista tem que estar com alguém. Gente, não podemos viver violência doméstica, não podemos. Aqui a gente tem situações de pais que abusam de crianças. Entendeu? E a mãe aceita, com medo de perder o genitor, o responsável. Então a gente incentiva muito, primeiro a mulher tem que ter um trabalho, é importante a gente trabalhar,



né? É importante a gente se sentir bem consigo mesmo, é importante a pessoa ter algo que motive a viver.

[Música: “Mulher no mundo”, de Maria Tavares. Violão suave e voz contralto canta:

Aaaahh...

Ah, ser mulher nesse mundo

Pela liberdade de toda mulher

Ser um corpo profundo

As marcas das repressões

Que carrega em si a dor

Os papéis, as inversões

E mesmo assim acolhe o mundo

O distanciamento do sensível

Aaaahh...

O silenciamento não dizível...

Pela liberdade de toda mulher]

Bloco 4: Fechamento

Rosa: A história de Alessandra nos coloca diante das mazelas vividas por mulheres negras e periféricas, do abandono estatal e de como no limite umas contam com as outras para sobreviver.

Irene: A Alessandra é uma dessas mães que exercem poder local muito importante. Desconstrói ideias de casamento, do lugar social das mulheres, alinhava contatos políticos e de assistência social.

Rosa: Ela nos conta sobre como se organizaram essas mulheres durante a pandemia, dando destaque para o trabalho comunitário e para o lugar da escola como espaço de salvaguarda e mobilização.

Irene: Agradecemos a Alessandra por compartilhar suas histórias com a gente.

Rosa: Mais do que isso, a gente agradece pelo trabalho social exercido por elas, por toda sua resistência e por nos inspirar a lutar por uma sociedade menos desigual, onde o cuidado com as pessoas seja a nossa prioridade.

[Música: “Mulher no mundo”, de Maria Tavares. Violão suave e voz contralto canta:

Ahh êê, oh...

Ser um corpo profundo

Ahh êê, oh...

Que mesmo assim acolhe o mundo

Ser mulher nesse mundo

Ahh êê, oh...]



Ficha técnica

Irene: A série "Maternidades Ameaçadas" é produzida pela Rede Transnacional de Pesquisa sobre Maternidades destituídas, violadas e violentadas com financiamento do edital Pró-humanidades do CNPQ. Acesse nosso site para mais informações sobre a Rema, rema.uff.br e o nosso Instagram [@redematernidades](https://www.instagram.com/redematernidades). Na descrição desse episódio e no site da REMA, você encontra a transcrição completa, as referências e os materiais extras. Nesse episódio usamos áudio da entrevista com Alessandra de Oliveira Alvez realizada por Rosa Carneiro em Maio de 2024. E também áudios de S2News, coletiva SOMOS, Bom Dia DF e Tv Brasil. Todos disponíveis na descrição desse episódio. Apresentação e Roteiro são de Rosa Carneiro e Irene do Planalto Chemim. A edição de áudio, trilha sonora e finalização é de Irene do Planalto Chemin. A música tema é "Mulher no Mundo" de Maria Tavares. A coordenação da série Maternidades Ameaçadas é de Lucía Eilbaum, Irene do Planalto Chemin e Mariana Pitasse. Identidade visual de Alice Ohashy. Comunicação e divulgação por Mariana Pitasse e Samara Costa.